

Restolho

Linguistic Turn

Talvez o segredo do sucesso de um empreendimento literário, i.e., de toda a escrita, seja não tanto descrever o que se passa na mente, como um *brainstorming* interminável, mas refletir e expor simbolicamente, linguisticamente, o resultado de toda a reflexão, por mais personagens que aja no romance ou ensaio...Mas ensaio não é o mesmo que romance, ou narrativa, em termos gerais. Quando estudas antropologia, percebes porque é que há mitos como o Cristiano Ronaldo.

O teu espírito é tão exigente e perfeccionista que não se encaixa realmente na realidade, passo o pleonismo, ou seja, aceitas tudo e não aceitas nada. Aí entra o juízo, juízo sobre as coisas, as pessoas, as ideias. Os filósofos estão todos no reino das ideias e aí entre o conflito entre carne e espírito, que já analisei em outras instâncias, e que aflige também os religiosos. De um lado, dizem que o sexo é bom, salutar em qualquer relação, mas outros têm-lhe pejo e são puristas, o que evoca a relação entre sagrado e profano na vida social, como diria Weber ou Simmel. E quanto mais amplas e densas são as cadeias de relações, mais difícil é possível as descortinar. Por isso é que há uma antropologia urbana...

O mundo precisa de heróis, heróis filosóficos, que mesmo que não tenham contato algum com suas associações profissionais, continuam a fazer o seu trabalho, a produzir a sua teoria e vê o mundo académico como um crisol de sustentação de parasitas. É o que parece: interesse, interesses... um pouco como à moda bem portuguesa do chico-esperto, o que é preciso é desenrascas-te, é tudo à última da hora, não há planeamento porque há demasiadas praias e quase tudo morre na praia, projetos e automóveis que morrem na estrada. Tudo isto faz de Portugal um país americanizado, em excesso, talvez, para bem e para mal...

Eis, então, o eremita filósofo, aquele que vive do vazio e que precisa de um pouco de comida (e bebida, já agora), para sobreviver. A sua afetividade é exteriorizada bem ao jeito de Francisco de Assis, se a missão começa às sete, para que há-de ir às seis? Por isso, optar por não ficar, tens tempo em velho de ir lá até todos os dias, se Deus que o teu Deus, por mais esforço que faças de passes de mágica, tem-te

faltado. Mas tu também Lhe tens faltado, aí está a coisa, essa relação, mais do que interessante, bastante intrigante, como uma relação entre um homem e uma mulher, entre tu mesmo e Deus.

Por isso estás em casa, cujo Ser a habita, és prendido pelo costume a tua liberdade é essencialmente um liberdade de pensar e de acreditar, ainda que esteja num regime de “pensamento débil”, como diria Vattimo, “acreditar em acreditar”...

Victor Mota